

DISCURSO PROFERIDO PELO CAMARADA PEDRO PIRES NO JURAMENTO DE BANDEIRA DAS F.A.R.P.

Teve lugar no passado dia 28, no Estádio da Várzea, a cerimónia do Juramento de Bandeira da primeira incorporação das nossas Forças Armadas Revolucionárias do Povo.

Estiveram presentes os representantes do Governo de Transição do Estado de Cabo Verde, nomeadamente S. Ex.º o Alto-Comissário, os responsáveis das FARP e os dirigentes do PAIGC.

Na ocasião o camarada Pedro Pires, pronunciou um discurso, que pela sua importância transcrevemos na íntegra:

Sr. Alto-Comissário, Srs. membros do Governo de Transição de Cabo Verde, camaradas, membros das FARP, membros da CNCV, camaradas e compatriotas:

Camaradas, de facto o dia de hoje é para nós um dia muito importante, mas é para nós também um grande dia porque é uma só vez na vida que factos como este acontecem, isto é, na nossa vida como povo é a primeira e será a última vez que os soldados da nossa Terra, aqueles que se preparam para defender a nossa independência vão prestar juramento. Para mim, pessoalmente, é também um grande dia porque estou a ver na prática a realização dos objectivos pelos quais lutei, aos quais dediquei toda a minha vida.

Mas, camaradas, se o dia é grande, ele é também de responsabilidade porque independência significa responsabilidade. Responsabilidade porque vamos tomar nas nossas mãos o nosso destino e, se como erros, nós é que seremos os responsáveis e, se as coisas forem bem feitas, seremos igualmente responsáveis. Por isso é preciso que tenhamos conhecimento de todas as nossas limitações e possibilidades.

Mas eu queria falar antes de tudo sobre as FARP e não abordar outros aspectos políticos.

Camaradas, as nossas forças armadas denominam-se FARP e este nome não foi escolhido ao acaso. Há nele duas palavras que têm um significado especial: Revolução e Povo.

Se nós somos membros das Forças Armadas Revolucionárias do Povo temos que ser fiéis à Revolução. Revolução significa transformar a realidade social que existe na nossa Terra numa outra mais justa. «Do Povo» significa que se está ao serviço do Povo e essa é a principal utilidade das FARP.

Mas as Forças Armadas são também uma organização especial de pessoas fardadas, com armas, com disciplina, que tem de fazer certos movimentos e cumprir certos deveres. Para que um grupo de homens constitua uma força armada tem que ter certas características especiais, das quais não podem fugir porque não somos os primeiros a constituir uma força armada. Existe toda uma tradição de força armada, existe toda uma tradição de exercício, existe toda uma tradição de organização.

Portanto, nós não trazemos nada de novo, não estamos a inventar nada, temos que seguir os princípios que regem qualquer força armada! Nós sabemos que os princípios que regem uma força armada são a sua disciplina, a sua organização, a sua disciplina de consciência e não disciplina de medo, mas disciplina sempre!

Se não houver disciplina podemos considerar que há um bando de homens que podem fazer o que lhes apetece, mas não são uma força armada.

Uma Força Armada tem que ter capacidade técnica, isto é,

tem que saber utilizar as armas que tem na mão. Porque se for só um corpo de homens com armas que não sabe utilizar, não são uma Força Armada: são qualquer outra coisa — homens com armas nas mãos, por exemplo — mas nunca Força Armada. Portanto, todo o membro das nossas FARP tem de saber, tem de se esforçar por saber utilizar correctamente e tirar o melhor resultado da arma que trás nas mãos.

Uma Força Armada tem que ter capacidade combativa, quer dizer, nunca pode ser um grupo de homens que sabe simplesmente marchar bem, fazer a continência bem, fazer bem tudo o resto menos enfrentar um inimigo.

É importante que as nossas Forças Armadas tenham capacidade combativa, senão serão apenas uma força de parada, um exército de «roncos» mas nunca um exército popular e revolucionário.

Por isso, camaradas, diante de nós está o dever de pensarmos em trabalhar para virem a ser de facto as FARP. Se não adquirirdes estas três características fundamentais, não podereis corresponder àquilo que o nosso povo espera de nós. É importante que compreendam isso!

Há outra coisa: tomastes um nome — FARP que tem uma tradição de luta, que não começou hoje com este juramento de bandeira. Elas começaram há mais de dez anos quando foram fundadas as FARP pelo nosso camarada Amílcar Cabral no 1.º Congresso do PAIGC, em 1964. Foi essa a altura em que foi dada ordem para a criação das FARP. As FARP têm uma tradição de princípios.

Se quisermos honrar as FARP temos que honrar a sua tradição e seguir o seu exemplo porque, de contrário, não seremos dignos de usar esse nome. O dever do soldado é fazer com que a sua Força Armada avance, se aperfeiçoar. Só assim podemos compreender a revolução, no sentido de melhorar tudo, todos os dias, no sentido de trabalhar para atingir o ponto mais alto da nossa vida. Portanto, estas F.A. têm uma tradição de camaradagem, têm uma tradição de luta pelo nosso povo e de fidelidade ao nosso povo. Não temos nada a inventar; o nosso dever é seguir esse exemplo, respeitar e honrar essa tradição.

Porque, camaradas, nós não medimos um revolucionário pelo cabelo comprido, nem pelas roupas sujas nem pela bandalheira. As nossas F.A. têm que ter disciplina, têm que ter sprumo, têm que ter porte. Nós não compreendemos uma F.A. de bandalheira! Só compreendemos uma F.A. de disciplina e aí é que está a revolução. Queremos que isto fique claro e nós, como responsáveis do Partido e como um dos primeiros responsáveis destas FARP, exigimos o cumprimento desta tradição!

Mas dentro das FARP há uma outra tradição, isto é, como é que elas funcionam internamente, quais são as relações entre camaradas dentro das FARP? Elas não podem nunca ser relações de grupinho, não podem ser relações de amiguismo, de comprindismo, não podem ser relações de esconder os erros dos compenheiros. Temos sim, dentro das FARP, de ter relações de camaradagem, de crítica e autocrítica. Se quisermos avançar, temos que criticar todos os erros e não os esconder seja a quem for. É fundamental que compreendamos o que significa amizade revolucionária para não a confundir com amiguismo cujo objectivo é criar no nosso meio a tendência para esconder os erros e impedir que quem os comete seja castigado. As únicas pessoas que podem contribuir para que avancemos somos nós mes-

mos, logo temos de criticar, porque só criticando podemos corrigir os nossos erros.

Essas são as verdadeiras relações de camaradagem!

Camaradas, dissemos que estamos a defender os interesses do povo, mas quem é o povo? Povo não é um conceito abstracto — povo é cada um de nós. Portanto, quem não souber ser amigo e camarada do seu companheiro, quem não souber isto não pode defender o povo. Se povo é cada um de nós, o amor ao povo temos que demonstrá-lo através da camaradagem com aqueles que estão junto de nós. O soldado das FARP tem que ser camarada do seu companheiro, tem o dever de fortalecer as relações de camaradagem revolucionária dentro das FARP.

Na ordem interna das FARP tem de haver, camaradas, relações entre responsáveis e soldados. Estas relações têm de ser relações de respeito, de camaradagem e compreensão. Nós consideramos que um chefe tem valor quando chega a um lugar e é factor de mobilização, de entusiasmo e não de medo. Não podemos ter medo uns dos outros. O que deve é haver respeito. Sem respeito não podemos progredir.

Mas, camarada, tens uma arma na mão e tens que saber o que fazer dela, contra quem utilizá-la. Quem tem a força tem sempre tendência para abusar dela, utilizá-la como lhe apetece. Mas, quem é revolucionário como nós, quem é militante do nosso Partido, sobretudo quem é militante do nosso Partido, como dizia o Camarada Cabral, nunca pode utilizar a arma para satisfazer os seus interesses pessoais ou quaisquer das suas manias. Essa arma deve ser utilizada para servir os interesses do povo. Portanto, as nossas armas não podem servir-nos para abusar de quem quer que seja; temos que ter sentido de justiça porque o objectivo fundamental da nossa Revolução, da nossa luta, é o Homem. Quem pensar que pode utilizar a sua arma, o prestígio do nosso Partido (que foi conquistado através da luta, com sacrifício e sangue) para satisfazer as suas manias ou defender os seus interesses pessoais, ou mesmo para se mostrar importante, está enganado. Nós não podemos aceitar isso. É fundamental que compreendamos isso e que todos os militantes do nosso Partido compreendam bem que as armas do Partido, o prestígio do Partido não se utilizam para abusos nem para cometer qualquer acto contra os direitos naturais do homem. Toda a gente deve ter isto bem presente, porque não o admitimos e quem o fizer será castigado, julgado segundo a tradição de luta do nosso Partido.

Nós nesta terra, devemos garantir o cumprimento da justiça. Nesta terra não haverá jamais justiça pessoal. A justiça será feita pela respectiva organização. Isto que fique bem claro na consciência de todos e aqueles que pensam que pode acontecer o contrário, dizemos que é impossível.

Tem que haver nesta terra disciplina e respeito pela Direcção do Partido; a nossa organização terá que ser respeitada. Que ninguém pense utilizar o Partido para seu serviço pessoal. Que isso fique bem claro! Se alguém tentar fazer isso, será castigado, dizemo-lo publicamente.

Que todos compreendam bem: aqui não há chantagem.

Durante a nossa luta fomos capazes de combater, fomos capazes de sacrifícios, fomos capazes de opor a nossa capacidade, a nossa certeza, a acção do nosso povo contra todas as

forças que foram utilizadas contra nós. Portanto, não é possível que qualquer grupo ou grupinho pense fazer o que lhe apetece porque nós atuaremos com firmeza. Não é um grupinho qualquer de parvos que vem agora estabelecer leis, criar uma falsa solidariedade, estragar o prestígio do nosso Partido, desviar os objectivos da nossa luta, mudar os nossos métodos de trabalho e acção. Que fique bem claro — Nós atuaremos desde já para que isto não aconteça nenhuma tentativa.

Camaradas, na nossa luta há uma tradição de comportamento das nossas Forças Armadas nas suas relações com o Povo. Nós lutamos para defender o Povo, logo, para demonstrarmos que estamos de facto ao lado do Povo, o nosso comportamento e as nossas relações com o Povo têm que ser as melhores possíveis. O nosso Povo não pode, de maneira nenhuma, ter medo das FARP, ou, pior ainda, dos militantes do nosso Partido. Se, de facto, estamos a trabalhar para defender os interesses do Povo, ele deve de ter confiança em nós, não ter medo de nós. Se amedrontamos com o nosso comportamento errado, é claro para toda a gente que não servimos o interesse do nosso Povo. Portanto, que as nossas armas, que as nossas fardas, o nosso nome de militantes do PAIGC não sirvam para amedrontar o povo, não sirvam para oprimir o povo ou para atingir os nossos interesses pessoais e satisfazer a nossas manias. Estas FARP têm uma tradição: quem abusar, quem utilizar as armas e o prestígio do nosso Partido para abusar do povo e atingir objectivos pessoais é castigado (castigo revolucionário para transformar o homem).

Camaradas, um revolucionário a sério, um combatente a sério, um militante a sério do PAIGC, não pode ter medo de ser castigado, porque ele tem confiança em nós, ele sabe que nós fazemos justiça revolucionária para reeducar o homem. Quem comete erros e busca maneira de os esconder ou procura alguém que o ajude a esconde-los, não é um revolucionário a sério porque tem medo de assumir a sua responsabilidade. Um revolucionário, alguém que luta de facto para o povo não pode ter medo de perante todos, assumir a responsabilidade dos seus erros. Quem procede diferentemente, para nós não é um revolucionário — é qualquer outra coisa que passe pela sua cabeça, mas nunca um revolucionário. Devemos compreender que em qualquer Força Armada em qualquer organização, em qualquer estado há sempre castigos, e todos os que cometem erros devem estar preparados para o aceitar.

Camaradas, façam um esforço grande para aumentar os vossos conhecimentos militares. Ser militar é dedicar-se a uma ciência. Nisso temos que seguir toda a tradição da luta, toda a tradição dos exércitos revolucionários, toda a tradição da prática revolucionária.

É preciso que os camaradas compreendam que um exército revolucionário não serve só para ser exército. Um exército revolucionário tem que participar em tudo o que o povo faz na nossa terra ele tem que participar na produção, ele tem que dar a sua contribuição em todos os aspectos da nossa vida. Mas, sobretudo, as nossas FARP têm que procurar cultivar-se para avançar. Isto é possível com muito estudo, sacrifício e prática revolucionária.

Portanto desejamos que os camaradas sejam capazes de cumprir os seus deveres militares mas, antes de mais, que

sejam capazes de cumprir os seus deveres de patriotas, de militantes do nosso Partido, de caboverdianos conscientes para que possamos fazer progredir a nossa terra.

Camaradas, nós não vivemos sozinhos no mundo. Há inúmeras pessoas que estão conosco, isto é, demonstrara a sua solidariedade em relação a nós.

Nós devemos neste momento prestar homenagem particular, como militares, aos militares portugueses, membros das Forças Armadas que foram capazes de organizar em Portugal uma Revolução e avançar com essa Revolução. Fizaram um grande sacrifício e deram uma grande contribuição para o avanço do Povo Português. Devemos reconhecer-lho, os militares portugueses, membros do MFA deram uma contribuição importante, política, material e moral para atingirmos este momento. Portanto, devemos de prestar uma homenagem sincera a essa gente através dos militares aqui presentes. Devemos reafirmar a nossa solidariedade com o MFA português e com o Conselho Superior da Revolução que é o órgão supremo que dirige todos os passos importantes na construção de um Portugal novo.

Camaradas, nós temos nome da FARP. É o mesmo nome que existe na República da Guiné-Bissau. Nós somos membros da mesma Organização e temos que, como militares, trabalhar e exigir trabalho para o reforço da nossa Unidade e para a compreensão da nossa solidariedade. Isto é um dever de cada um de nós, membro das FARP.

Camaradas, nós fomos solidários com os Movimentos de Libertação das colónias portuguesas quando ainda colónias portuguesas. Moçambique é hoje independente. Nós somos solidários com o povo de Moçambique na sua luta para a transformação da sua luta pela justiça, na sua luta pela felicidade do povo de Moçambique.

Nós somos solidários com o povo de Angola. Nós somos solidários em especial com as pessoas que lutam pela verdadeira independência de Angola, para que o povo de Angola tenha direito às suas riquezas. Embora o nosso Partido não intervenha nos problemas de Angola, a nossa solidariedade vai para aqueles que sempre foram solidários conosco na nossa luta de libertação nacional e nos momentos de dificuldades nos prestaram a sua ajuda material e moral. Isto é, em Angola somos particularmente solidários com o MPLA.

Nós também somos solidários com todos os Movimentos de Libertação de África que ainda não encontraram a melhor via para atingir a Independência, para a liquidação da discriminação racial e da injustiça social.

Nós somos enfim solidários com todos os povos da África e com todos os povos do mundo que lutam pelo progresso da humanidade e para que entre os homens não haja relações de exploração. Estes são os nossos aliados naturais. Portanto, camaradas, fazemos parte de um grande Movimento para a libertação do homem e devemos de agir tendo em conta isso mesmo.

Para terminar, camaradas, gritemos vivas.

Vivam as nossas FARP!

Viva Cabo Verde Independente!

Viva o PAIGC!

Viva o Movimento das Forças Armadas Portuguesas!

Viva o PAIGC!